



Noções sobre a Umbanda

INTRODUÇÃO

Encontramos poucos autores que se dispõem a escrever sobre o tema UMBANDA, um assunto complexo e polêmico. Existem autores especialistas no ponto de vista religioso e que defendem as mais variadas tendências. Normalmente esses autores não são Umbandistas, pertencendo a outras tradições religiosas, escrevem sobre a UMBANDA apenas e tão somente com o objetivo de denegri-la perante a opinião pública. No passado não muito distante, a Igreja Católica Apostólica Romana combatia a UMBANDA através da Parapsicologia, ciência muito estudada por seus clérigos. Mais recentemente as religiões Pentecostais e Neo-pentecostais adotaram a tática idêntica de combate a Umbanda, mas de forma mais agressiva, levando a uma visão de demonização da Umbanda. Geralmente as igrejas de denominações "cristãs" pesquisam o tema UMBANDA, sobre o ponto de vista FETICHISTA, buscando um combate mais efetivo no seio de suas comunidades.

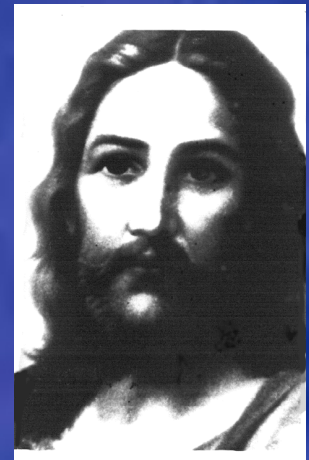
Digo "ditas", pois os verdadeiros cristãos, respeitam a fé alheia e tem tolerância religiosa.

Tais fatos nos levam a uma reflexão mais profunda. Qual o motivo de tantas religiões ou setores localizados destas, ataquem de forma indiscriminada a UMBANDA?

Os primeiros estudos sobre UMBANDA partiram de folcloristas, que em sua maioria a confundiram com os candomblés. Existem diferenças profundas entre a UMBANDA e os CANDOMBLÉS.

Posteriormente encontraremos estudos realizados por Antropólogos, Psicólogos, Etnólogos, Parapsicólogos e Psiquiatras, discorrendo sobre os mais variados aspectos fenomenológicos da UMBANDA.

Qual o fato primordial para que alguns ramos das Ciências e da Religião estudem e se dediquem a discorrer várias linhas sobre uma Religião que até a pouco tempo no Brasil, que antes da Constituição Cidadã de 1988 militou de forma clandestina, sem reconhecimento algum, sendo encarada como seita, folclore ou outro tipo de manifestação popular? O que chama a atenção e incomoda tanto os cientistas e as autoridades clericais principalmente Neo-pentecostais? Por que motivo a UMBANDA



atrai tanto a atenção da população brasileira? Por que pesquisadores das mais variadas correntes científicas e religiosas acorrem aos terreiros a fim de pesquisá-los?

A resposta a tais indagações é muito simples, caro leitor.

O que mais incomoda, o fato gerador de toda esta curiosidade e o que atrai a atenção de todos os setores de nossa sociedade é um fenômeno de ordem do mediunismo, comumente nos meios espiritualistas conhecido como incorporação, que quando se apresenta de forma descontrolada e não desenvolvida, sem orientação adequada, apresenta comportamentos exóticos, desregrados e até anímicos.

Esta fenomenologia é considerada por setores das igrejas e meios científicos como "possessão".

A VISÃO CIENTÍFICA

Mas o que é a possessão?

A maioria dos pesquisadores científicos considera a possessão um tema fascinante, um fenômeno extraordinário, o contato com o sobrenatural. Para a Ciência um fato ainda inexplicável em sua concepção. O parâmetro para a comparação de um processo da chamada "possessão" é a observação do "possesso" em estado normal e compará-lo com o momento do "transe". Tal diferença, o contraste entre os dois momentos é o grande enigma para o pesquisador. Apenas o fato de através de um "mediunista" (termo da Umbanda Esotérica) e um "médium" (termo do Kardecismo ou Espiritismo) haver um desdobramento de várias entidades, isto é, espíritos que se apresentam com personalidades diferentes, contraria o parâmetro de que todo ser humano deve apresentar uma única identidade. É muito comum ouvirmos comentários como os a seguir: *"Com efeito, o que causa espanto a qualquer pessoa é o número incrivelmente grande de "espíritos" que são capazes de "incorporar" num único "médium". E, por mais que um determinado "médium" tenha uma vasta capacidade de "incorporação", o que observamos é que jamais conseguirá esgotar todo o seu "repertório" de "santos" e "espíritos", sempre apresentando a possibilidade de "descer em terra" mais um."*

Para os Psicólogos e Psiquiatras a "possessão" é um indício da loucura. A Psicologia e a Psiquiatria parte da suposição de que existe uma única cultura correta que corresponde a atitudes dos homens sãos. Para a Psicologia e a Psiquiatria a chamada possessão seria na melhor das hipóteses "erros" ou "desvios" da normalidade, traduzindo-se melhor: LOUCURA.

O padrão cultural, dos que assim se manifestam e o ponto de referência de se pensar a normalidade é egocêntrico, isto é, leva em consideração que o observador está em um parâmetro de normalidade. Mais modernamente a "possessão" é vista como um conduto cultural adequado a manifestações neurológicas graves. Assim sendo, na melhor das hipóteses, para a Ciência, os TERREIROS DE UMBANDA são comparados a uma "psicoterapia do pobre".

É sabido que os parâmetros de normalidade são mutáveis de acordo com a época, tendo em vista, padrões sociais e éticos. O que é o anormal hoje, amanhã poderá não sê-lo.

Para a Psicologia e Psiquiatria a "possessão" é um indício da loucura. A Psicologia baseia-se na noção de Ego. Nesta visão ela coloca o indivíduo sobre absoluto controle da consciência, o que garantiria uma harmonia com a realidade a sua volta e uma coerência e fidelidade a si mesmo. O indivíduo em transe sofre uma perda de consciência (segundo estes pesquisadores científicos), apresentando um quadro de alteração de comportamento identificado pela Psiquiatria como "doença mental". A ação de um indivíduo mediunizado ("tomado"), agindo segundo exigem as personalidades das entidades manifestantes ("guias"), é interpretada como histeria, ou seja, um processo psíquico que interfere na coerência de seu Ego, gerando em conseqüência

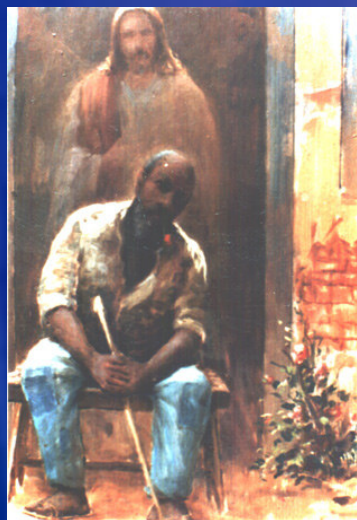
variações de personalidade. Sabemos que esta visão é um pouco sectária e não podemos considerar o homem como sujeito pleno da sua consciência, como indivíduo racional, centro de si e fruto de uma sociedade. Nenhum homem consegue ao seu bel-prazer, conduzir as instituições, a sociedade e a sua pessoa a caminhos pré-estabelecidos de forma integral. Todo ser humano é fruto de uma lógica inconsciente, que é diretamente proporcional ao sistema cultural em que se socializou e das condições sociais em que vive.

Segundo o eminente e conceituado espírita (kardecista) Divaldo Pereira Franco, nada mais cômodo e providencial, acusar a mediunidade ou o mediunismo, conseqüentemente os médiuns e mediunistas de "desequilibrados mentais", pois, é a forma mais simples de questionar e desmerecer suas opiniões e/ou mensagens recebidas por seu intermédio. É claro e patente que qualquer opinião, pensamento ou mensagem que advenha de uma pessoa considerada pela Ciência como desequilibrada não será levada a sério. É uma das formas que as autoridades ligadas às igrejas e os materialistas sépticos encontraram para denegrir e desmerecer a mediunidade e o mediunismo em geral.

Não podemos esquecer que ainda em nossa sociedade é utilizado o conhecimento como forma de poder. A Ciência e a Religião fazem parte da balança para o equilíbrio da ordem social. Qualquer idéia ou atitude que não vão de encontro com as elites dominadoras da sociedade, estarão fadadas às críticas e oposições das mais severas.

VISÃO RELIGIOSA

Para o Catolicismo bem como para as Religiões Pentecostais e Neo-pentecostais, a mediunidade e o mediunismo não existe, mas o processo "possessivo" sim, pois é encarado como "*manifestação do demônio*". A possessão nestes casos é combatida tanto com bases em princípios teológicos quanto por razões políticas, sempre num esforço inesgotável de manter a autoridade sobre seu rebanho de fiéis. Para o catolicismo o exorcismo é a única prática eficaz contra a "possessão". A ação exorcista é que vai dar nitidez e concretude às fronteiras entre o Bem e o Mal e se definir claramente o que pode e o que não pode permanecer no corpo de um cristão, em resumo, o exorcismo é uma dramatização da moral cristã, ordenada rigidamente em torno da dicotomia Bem/Mal.



Existe uma diferença filosófica radical entre as igrejas em geral ditas como "cristãs" e a Religião Umbandista: é a moral.

Nas igrejas ditas "cristãs" o poder de intervir e ajudar os homens está intimamente relacionado com a moral, quanto mais santo, maior o poder.

Já a visão umbandista não nega o poder de mediação dos "Exus e Pomba-giras", embora ninguém igualmente se arrisque a colocar a mão no fogo pela retidão moral de qualquer um deles. Moral e Poder são coisas que na Umbanda, funcionam separadas.

Para a UMBANDA ter contato com os espíritos é rotineiro e faz parte da estrutura do culto, para tanto não é preciso ser nenhum santo, basta que se reconheça a existência deles e a capacidade de reconhecer em si mesmo os atributos mediunistas para a manifestação destes espíritos.

Existe pois, duas lógicas muito distintas entre as igrejas ditas "cristãs" e o Umbandismo: as primeiras em nome da cruz, expulsam os espíritos chamando-os de

"demônios". O segundo em nome da caridade e da ajuda que espíritos diversos podem oferecer aos homens, acata-os em seus mediunistas através do fenômeno da "incorporação". Assim sendo, enquanto as igrejas ditas "cristãs" expulsão os espíritos achando que será a solução de todos os problemas, pois segundo elas estes são a origem de todos os males, a UMBANDA os acolhe, vendo neles a solução destes mesmos problemas.

O fenômeno de incorporação, portanto, é o maior ponto de atrito entre as igrejas ditas "cristãs" e o Umbandismo, pois, através do mediunismo incorporativo, ou outras modalidades de mediunismo, a população entra em contato mais rápido e mais direto com as forças espirituais (consideradas sagradas) e desta forma ameaçam o poder dos padres e pastores, que pretendem ter o direito exclusivo de fazer a mediação entre os homens e o mundo das forças sagradas.

A UMBANDA cultua e cultiva as manifestações mediunistas de incorporação não encarando o fato como "possessão". Para a UMBANDA a incorporação é algo benéfico. Ao invés de expulsar as entidades (consideradas como fenômeno sobrenatural pela população, distúrbio neurológico grave pela Ciência ou influências maléficas pelas igrejas ditas como "cristãs"), acaba adotando outra estratégia: a convivência com os espíritos, acreditando piamente que a incorporação é uma das formas de praticarmos a caridade.

Considerando que a mediunidade não é um atributo onde o mediunista tenha uma condição de superioridade sobre o restante da população, mas apenas como uma forma de servir em nome de Deus, a UMBANDA cria condições para setores da sociedade que estão alijados de uma participação religiosa de forma direta. O Mediunismo é encarado como uma dádiva ao serviço. Quanto maior o potencial do mediunismo, maior o karma pessoal junto aos planos evolutivos.

O ESTIGMA SOCIAL

Devido a este aspecto de desvinculação dos valores morais a Umbanda passa aos observadores uma noção adversa da realidade. Os rituais Umbandistas se aparentam aos olhos dos observadores com um aspecto de transgressão. Aos olhos da sociedade abrangente, são vistos como situações em que se cultivam as fontes de desordem e do perigo.

O preço social de ser Umbandista, que podemos definir como um estigma, pois, o fato de ser possuidor de poderes (mediunismo), vistos pela sociedade como poderes perigosos, levam os observadores a considerar os Umbandistas como pessoas suspeitas que despertam desconfianças e que sofrem volta e meia às acusações das mais variadas. O tratamento pejorativo de "*macumbeiro*" não é o único a ser enfrentado. Até a pouco tempo, isto é, até a década de 60, as autoridades policiais infligiam aos integrantes dos cultos afro-brasileiros e neste caso também aos Umbandistas, grandes dissabores. Seus templos eram invadidos e seus integrantes presos. Até recentemente, isto é, na década de 80, para o funcionamento dos terreiros havia a necessidade de cadastramento dos mesmos nas secretarias de segurança ou nos departamentos de ordem política e social. Isso tudo é fruto da relação negativista que a sociedade brasileira deduz por desconhecimento, identificando "fenômenos sobrenaturais" de qualquer espécie com a chamada "Magia Negra".

“Apesar da liberdade religiosa conquistada com a República, o Código Penal de 1890 proibia “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios”. O código de 1942 ainda reprimia os “feiticeiros”, mas não todos, apenas os acusados de usarem os seus poderes para o mal, segundo estudos da antropóloga Yvonne Maggie.

Um parêntese: na interpretação de Yvonne Maggie, ao combater a feitiçaria, o código de 1890 de alguma maneira indicava que o Estado e sua elite acreditavam nos poderes sobrenaturais dos feiticeiros e por isso os perseguiram.”...

“Mesmo identificados com as diretrizes do governo Vargas, os umbandistas foram perseguidos durante o Estado Novo. O Museu da Polícia, no Rio, guarda uma coleção de cerca de 200 imagens, vestes, guias e objetos dos cultos apreendidos naquela época. O acervo, tombado, está guardado em armários de aço no prédio de 1910 da rua da Relação (centro) onde funcionou a Polícia Central do Distrito Federal e, na ditadura militar, o Dops (Departamento de Ordem Política e Social). A Coleção de Cultos Afros foi durante muitas décadas identificada como Coleção de Magia Negra.”...

“As primeiras federações umbandistas foram criadas para enfrentar a discriminação social e a repressão policial.

Uma vítima famosa da polícia foi Euclides Barbosa (1909-88), precursor da umbanda em São Paulo. Mais conhecido pelo apelido de Jaú, poucos pais-de-santo apanharam tanto e foram presos tantas vezes quanto ele, a ponto de ser considerado por alguns líderes “o grande mártir” da religião.

Antes de ser pai-de-santo, Jaú se tornou conhecido como zagueiro do Corinthians (1932-37) e da seleção brasileira que disputou a Copa de Mundo de 1938 na França. Um dos idealizadores das festas de Iemanjá no litoral paulista no final da década de 1950, Jaú foi perseguido durante anos pela Guarda Civil, e há relatos de torturas e humilhações públicas que sofreu.”...

“A perseguição policial arrefeceu, mas não terminou, com o fim da ditadura de Vargas. Na década de 1950, eles ganharam um novo inimigo igualmente forte, a Igreja Católica. A campanha religiosa nos púlpitos e na imprensa só diminuiu depois do Concílio Vaticano 2º (1962-65), mas a trégua foi curta. A partir da década de 1970, eles passaram a ser perseguidos com um vigor ainda maior pelos seguidores das novas religiões pentecostais. Os umbandistas têm recorrido à Justiça contra a intolerância. A ação mais importante, patrocinada pelo Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo, foi ganha em 2005 na Justiça Federal contra as redes Record e Mulher, ambas da Igreja Universal, e aguarda manifestação do Superior Tribunal de Justiça. O Ministério Público denunciou os programas que enfocaram “de maneira negativa e discriminatória as religiões afro-brasileiras”. (Trechos extraídos da reportagem: O TERREIRO DA CONTRADIÇÃO – Folha de São Paulo.)

A perseguição à Umbanda também se deve ao fator político. As igrejas em sua maioria possuem adeptos com projeção política e social, assim sendo estes adeptos, passam a perseguir os cultos brasileiros e africanos sob orientação de seus clérigos. Mas tal fato vai mais além, pois existiu até a década de 50 uma repressão do Estado sobre a Umbanda, que praticou sistematicamente, práticas repressivas contra esta religião.

Atualmente com a Constituição Cidadão de 1988, a liberdade de culto está sendo gradativamente cumprida e os Umbandistas vem exigindo seus direitos constitucionais de exercício religiosos. Já existem várias jurisprudências pelo Brasil a fora reconhecendo atos realizados nos terreiros, tais como, casamentos.

Até que em fim a UMBANDA vem se firmando como uma Religião autenticamente brasileira.

A ESTRUTURA DO CULTO

A Religião Umbandista é um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. Não existe centros estabelecidos de hierarquização para vinculação dos agentes religiosos. A organização é realizada de forma não muito estratificada e nas unidades básicas do culto: os terreiros.

Portanto o que domina na Umbanda é a dispersão. Cada pai-de-santo é senhor no seu terreiro, não havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. Existe portanto, uma multiplicidade de terreiros autônomos, embora estejam unidos na mesma crença.

A mesma dificuldade também encontraremos no campo doutrinário. Entre os terreiros são encontradas diferenças sensíveis no modo de praticar a religião. Existe entretanto um corpo comum da religião que são respeitados por todos.

Ai reside um dos fatores mais intrigantes da Umbanda: a unidade na diversidade (ou unidade na multiplicidade).

É mais que reconhecível a influência de outras filosofias e religiões no seio umbandista. Existem umbandas que praticam seus cultos em combinação com o Candomblé (jeje, nagô, keto, angola) - "umbandomblés", com ensinamentos Kardecistas (Espiritismo), com Catolicismo, com Esoterismo, etc. Notem a diversidade de influências que conseguem conviver em harmonia estruturadas em um corpo comum da religião (principalmente o ritual).

Outra característica a multiplicidade, advém da formação dos terreiros. Os terreiros nascem da divisão de outros, num movimento permanente que se inicia com a formação do mediunista.

Cada mediunista é potencialmente um futuro "pai-de-santo".

Temos aqui que analisarmos algumas situações que levaram um mediunista a tomar a decisão de ter seu próprio terreiro.

A UMBANDA ao contrário dos Candomblés, não tem ritual específico para formação do mediunista e conseqüentemente do pai-de-santo. Inexiste um ritual de iniciação. O desenvolvimento do mediunismo é efetuado durante as "giras" em um processo sem regras básicas e sem orientação tanto prática como teórica. O estudo do fenômeno do mediunismo inexistente, sendo que o desenvolvimento do mediunismo na maioria dos casos ocorre de forma intuitiva e aleatória. A partir da década de 60 para cá influências do Kardecismo (Espiritismo) e segmentos Esotéricos trouxeram para uma minoria de terreiros, obras e ensinamentos sobre o mediunismo.

A partir do momento que o mediunista consegue se desenvolver em um terreiro e que a prática do mediunismo torna-se constante e regular, este passa a conquistar certo prestígio na comunidade do terreiro. Este fato gerará o descontentamento do pai-de-santo que na maioria das vezes, sentir-se-á ameaçado pelo mediunista desenvolvido. Assim sendo, ou o mediunista submete-se à autoridade do pai-de-santo, ou será constrangido a abrir seu próprio terreiro.

A vaidade pessoal também é outro fator para que o mediunista abra seu próprio terreiro. Ser pai-de-santo para certas comunidades, que em sua maioria tem origem social humilde, representa uma ascensão social. Normalmente a comunidade humilde cria uma dependência ao pai-de-santo que orienta conforme seus interesses, sobre os mais variados assuntos, tais como: negócios, contentadas familiares, contendas entre vizinhos, inimizades, amores, problemas espirituais, etc. Vários antropólogos já chamaram a atenção para as características da Religião Umbandista, em que os fracos e socialmente desprovidos vão ter, através de seus "santos ou guias" um poder mágico (mediunismo), que aos olhos da população em geral representam sabedoria e força, virando pelo avesso as razões que legitimam a hierarquia social.

Normalmente a comunidade se envolve de tal forma com a vida dos membros do terreiro que não conseguimos mais separar a atuação dos freqüentadores do terreiro de sua vida pessoal. Os fuxicos, fofocas e disse-que-disse, entre os mediunistas, freqüentadores e pais-de-santo são constantes.

O mediunista que quiser abrir seu terreiro, simbolicamente prepara-se para considerar que os seus "guias" são suficientemente fortes para solucionarem e tratarem de seus problemas. A partir daí a sua tendência é de investir em seus próprios "guias", obtendo mais prestígio, dando mais "consultas", para finalmente abrir seu terreiro. Com este ato de independência, e autoridade, ele não reconhece ninguém mais acima de sua posição. Caberá a ele neste momento interpretar a "doutrina", seguir e modificar rituais, intitular-se pai-de-santo, babalorixá, tatá, zelador de terreiro, coordenador espiritual, etc.

É evidente que todas as suas ações terão como base seu aprendizado e em tradições de terreiros anteriores, mas é sabedor que tem a partir deste momento, de

dentro de seu terreiro, agir com legitimidade fazendo o que considera correto e a cada mudança que empreender, somente seus próprios "guias" serão juizes.

Portanto devemos atentar a um fato fundamental: os terreiros nascem da divisão de outros terreiros, num movimento permanente que se inicia com a formação do mediunista. Cada mediunista é potencialmente um futuro pai-de-santo. Levando-se em consideração este princípio de divisões sucessivas, a Umbanda na verdade é um conjunto de terreiros independentes que na sua grande e esmagadora maioria são pequenos.

HERANÇA AFRICANA

A herança africana na Umbanda é incontestável. Foi no final do século 16 que os primeiros navios, com os porões abarrotados de africanos, chegaram no Brasil. Com etnias e tradições resultantes de milhares de anos de miscigenação de sabe-se lá de quantas etnologias diferentes, mais que suas técnicas, esses migrantes involuntários traziam suas concepções de mundo, Filosofias e Religiões. Jêjes, marrins, iorubás, fons, angolas, haussás, fantis, ashantis, malês, fulas, congos, cambindas são apenas algumas das etnias mais representativas, cada qual com suas crenças, Deus Criador e panteão auxiliar, afora Filosofias mais ou menos elaboradas. Aqui, independentemente de cultura e etnia, foram misturados segundo o interesse dos mercadores, espalhando-se, pouco a pouco, pelas senzalas da Bahia, de Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e pelo Sul.

Que Metafísica e Religião traziam os africanos?

Aparentemente fragmentação de uma Metafísica muito mais antiga, contemporânea talvez da civilização que pintou as cavernas de Tassili, anterior ao Egito dos faraós, do mesmo povo do negro Jetro e dos negros drávidas derrotados pelos arianos na Índia pré-védica, essa diversidade de crenças tinha pelo menos três pontos em comum: crença em um Deus único, criador e ordenador; crença em um panteão de deuses administradores da criação, desde o cosmo, em seu sentido mais amplo, até o homem, suas paixões e tudo o que existe (Mitologia); e crença em dois mundos distintos, o material visível e o espiritual. Essa Metafísica, trazia ainda anexo, elementos Islâmicos. O Candomblé tem origem nos cultos africanos, principalmente das nações Jêje, Nagô, Ketu e Angola. Nos cultos africanos a divindade principal que dá origem a toda a cultura é Oduduwá, um poderoso guerreiro cujo nome hebreu era Nimrod. Citado no velho testamento como filho de Cusi, que era filho de Cam, que era filho de Noé, Nimrod teria vivido aproximadamente em 2180 a.C.. Ele teria feito um pacto com Deus, semelhante àquele feito por Abraão, seu contemporâneo. Após este pacto, recebeu o nome de Oduduwá e fundou as cidades de Ereque, Acade e Calné. Oduduwá emigrou depois para a Assíria e fundou Ninive, a cidade mais importante da antiga Babilônia, onde era chamado de Lamu.

Após cumprir esta missão, recebeu de Deus (Olodumaré) a tarefa de edificar a cidade de Ifé e Oró, na África Ocidental, na atual Nigéria.

Oduduwá teve três filhos: Ogum, Ishedale e Okambi. Da linhagem de Ogum vieram todos os Orixás e espíritos ancestrais (voduns), que são as divindades nos rituais do Candomblé. Da linhagem de Ishedale vieram todas as Ninfas e Heroínas, e de Okambi nasceram todas as tribos que compõem a nação Nagô e seus Heróis, entre eles Xangô.



Oduduwá ensinou a seus filhos o culto a Deus (Olodumaré) e a Trindade Divina, composta de Olodumaré (Pai), Olorum (Filho) e Emi Mimó (Espírito Santo).

Os povos africanos começaram a chamar Oduduwá de Orixalá (Senhor da Vida) e Obá Olokuia (Senhor dos Mares). Desenvolveu-se a partir daí a raiz dos cultos africanos, dedicados a Deus e a sua corte de anjos (Orixás ou Voduns), que seriam os anjos da guarda de cada um de nós ou Donos da Cabeça (orì).

Os orixás no Candomblé, dividem-se de acordo com os quatro elementos da natureza (água, fogo, terra e ar), e subdivide-se pela mistura intra-elementar (água-quente, terra molhada, etc.), num total de aproximadamente 400 orixás básicos e outros 1200 orixás secundários. Com o passar dos séculos, geração após geração, sofreu influências externas das mais diversas culturas e novos ensinamentos foram introduzidos na religião tradicional das cidades de Ilé-Ifé e Oró. Tais influências advieram principalmente por sacerdotes trazidos como escravos de outras culturas da própria África. Até que uma princesa Iorubana, Moremi, rompeu com os sacerdotes de seu povo e partiu para o Leste, onde fundou a cidade de Abomei, no Daomé (hoje Benin). Ali instituiu as bases da cultura Jêje, que nada mais é que o retorno aos ensinamentos básicos transmitidos por Oduduwá.

Moremi, tornou-se a rainha-gata, instituiu o matriarcado entre o seu povo e criou a sociedade secreta dos homens-leopardos chamadas de Ekun-Walé. Daí nasceu nova nomenclatura para os Orixás Iorubanos, que passaram a ser chamados de Voduns. Mantendo a hegemonia sobre as tribos rivais, os Jêjes prosperaram, mas não por muito tempo. Guerras intertribais fragilizaram o povo africano e favoreceram o colonizador europeu que começou neste período a obter, na África, a mão-de-obra que era necessária em suas colônias da América.

As tribos mais fortes ofereceram maior resistência ao invasor e, portanto, contribuíram com menor número de escravos na colonização do Brasil. Ao contrário, as mais fracas cederam grande número de seus guerreiros até mesmo reis e rainhas, que vieram povoar nossas senzalas.

As desavenças tribais que existiam na África deixaram de existir no Brasil, diante do sofrimento e da opressão comuns a todos os escravos. Irmanando-se contra o opressor, tribos rivais na África acabaram por fundir suas culturas e práticas religiosas, transformando regionalismos em cultos e culturas únicas. Misturados nas senzalas e depois nos centros urbanos da época colonial, esses diversos povos tiveram que superar as diferenças lingüísticas e reconstituíram sua religiosidade, identificando os elementos comuns de suas crenças até que surgissem os primeiros Candomblés. Por isso justifica-se a crença dos praticantes dos Candomblés, segundo a qual, somente através do culto aos Orixás poderá haver união entre as pessoas.

O nome Candomblé que designava do local de culto, e o conjunto de cerimônias, passaram a designar a Religião. Segundo Edson Carneiro, a casa de culto do Engenho Velho, na Bahia, foi a primeira a instituir-se oficialmente, remontando a 1830. É evidente, porém, que muito antes de se tornar "público", o culto, essencialmente iniciático, realizou-se em estruturação e depois estruturado, no segredo das casas particulares, ou, sob a máscara de festa profana, nas senzalas, bem embaixo do nariz dos senhores.

É de se acreditar até que esses mesmos senhores, havia muito seduzidos pela beleza, sensualidade e meiguices negras, também tivessem inúmeros representantes entre os adeptos do culto proibido.

Essa proibição, responsável em grande parte pelo mistério e disfarces de que se cercou o culto (a ponto de hoje ser quase impossível traçar sua história), tem diversas causas. Em primeiro lugar, há de se ter em conta que a sobrevivência das crenças ancestrais fortalecia uma união da comunidade escrava, tornando-se perigosamente suspeita, não só ao senhor como ao poder escravocrata, tendo este último auferido grandes lucros com os impostos lançados sobre o comércio humano. Por outro lado, havia a Igreja Católica, um poder de fato, dentro do poder político. Seus prelados e instituições, seculares e leigas, possuíam escravos - e tê-los significava ter dinheiro,

"bens negociáveis". Como se não bastasse isso, ao poder temporal, bem como aos senhores de então, por medo e conveniência, interessava agradar seu zelo catequista. Afinal proibir o culto ancestral negro e evangelizá-lo à força custava-lhes bem pouco; e ainda mais, com medo do inferno, garantia-se a docilidade escrava e preveniam-se insurreições.

Somem-se a essas razões o que foi dito acima, sobre a natureza iniciática do culto: seus segredos, o "eró", só pode ser transmitidos ao adepto por seu iniciador, durante longos anos de noviciado. Por fim, lembremos a complexidade de sua Metafísica, interpretação do mundo e do panteão, muito sutis para o colonizador pouco instruído, na maior parte das vezes analfabeto e mais preocupado com o mundo tangível do que com filigranas do espírito - às quais, para ter acesso, deveria, antes de tudo, dominar a língua nagô, dominante na comunidade escrava transladada para o Brasil. Tudo isso serviu para criar o mistério, medo e a incompreensão que até hoje cercam o Candomblé e os cultos de terreiro em geral. Essencialmente, o Candomblé, recriação brasileira da religiosidade africana, significa o culto aos orixás. A execução do cerimonial, permitindo de forma visível e em espaço de tempo determinado a manifestação dos orixás, trazendo-os ao visível.

O SINCRETISMO RELIGIOSO NA UMBANDA

No Brasil colonial, índios, judeus e negros eram obrigados a adotar novos nomes e aceitar compulsoriamente o batismo e a eucaristia. Essa imposição gerou a união dos africanos em torno de seus mitos e costumes, na busca de mantê-los vivos sem despertar a atenção dos seus senhores brancos.



Na calada da noite, eram feitos os "assentamentos" (a montagem dos altares, com todos os símbolos e adereços rituais) da divindade africana. Os "assentamentos" eram enterrados e sobre eles colocada uma pedra. Em cima desta pedra os escravos colocavam um santo da Igreja Católica. O santo escolhido era aquele que mais se assemelhasse ao Orixá representado pelo "altar" que estava embaixo. Assim, por exemplo, sobre os "assentamentos" de Ogum era colocada a imagem de São Jorge; sobre os de Oxalá, Jesus Cristo.

Quando o feitor ou o inquisidor da Igreja vinha fiscalizar o local encontrava os escravos cantando seus dialetos, saudando suas divindades, mas pensavam que, à sua maneira, os africanos estavam cultuando os santos católicos.

Na realidade o escravo africano nunca aceitou os santos católicos. Impossibilitado de cultuar suas divindades abertamente, disfarçou-as de santos católicos para fugir à perseguição.

UMBANDA: UMA RELIGIÃO PARA TODAS AS CLASSES SOCIAIS

Embora a Umbanda tenha sua herança africana, esta não provem diretamente dos Candomblés e é possível comprovar que este culto tem suas influências mais antigas no

ritual indígena do catimbó. A ele se juntariam posteriormente os elementos africanos, católicos e espíritas, numa mistura peculiaríssima que arregimenta cada vez maior número de adeptos entre todas as raças e divisões sociais brasileiras - o que lhe vale a denominação de "uma Religião nitidamente brasileira".

Uma documentação bastante farta - nem sempre levada a sério, mais ainda assim disponível ao interessado que queira procurá-la - aponta claramente que a Umbanda não é nada mais nada menos que a religião ancestral do indígena que adotou a nomenclatura nagô, quer para elementos do culto (comidas, oferendas), quer para algumas das entidades, os orixás. Do catolicismo adotou o reconhecimento da figura do Cristo e a adoção de Seu ideal de amor e caridade. Esse ideal acoplado a praxes do exercício do mediunismo, objetiva, segundo o Umbandista, a sua própria evolução espiritual e a de toda a humanidade.

No Candomblé, o culto é dirigido ao orixá, como parte de uma ordem estruturada e preestabelecida. Na Umbanda, esse aspecto devocional-prático limita-se a algumas orações cantadas (pontos cantados) ou recitadas no início do culto para que, a seguir, como mediunista, o fiel preste-se a permitir o contato temporário dos assistentes com a hierarquia espiritual admitida pelo credo. Essa hierarquia atende a assistência, dá conselhos e remédios, faz previsões.

OS ARQUÉTIPOS DOS ORIXÁS

Não há dúvida de que aquele que associa seu nome a um determinado Orixá está não só afirmando uma filiação a um "santo" mas também acrescentando a sua pessoa atributos pertencentes ao Orixá, "dono da sua cabeça".

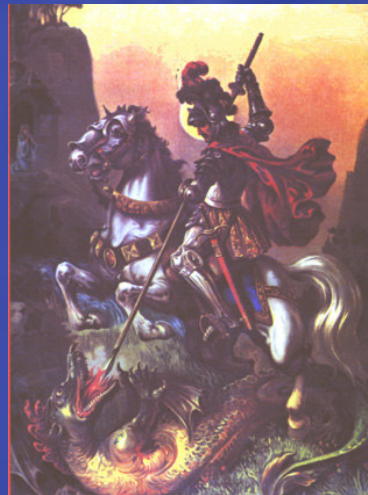
As referências aos Orixás se constituem em emblemas importantes tanto para a construção dos espíritos das respectivas "linhas" tanto para a construção da imagem e identidade do "filho-de-santo".

Não é fácil rastrear as origens da Umbanda, ainda mais quando se tornou hábito, entre eruditos e não-eruditos, classificá-la como subproduto do Candomblé. Mesmo o significado da palavra, para a qual já fizeram as mais aventurosas traduções, é desconhecido.

Certos elementos do culto, porém, lhe são básicos, independentemente das diferenças que haja entre uma casa e outra. Podemos lembrar, entre eles, a existência de um Deus Criador, uma Trindade, um septenário de deuses emanados do Primeiro Princípio, entidades tutelares de forças naturais, a estrutura do ritual e o mediunismo - esta, aliás, nunca praticada nos cultos iorubás. Todas essas identificações podem ser encontradas na religião do indígena sul-americano, numa ou noutra comunidade.

O payê (pajé), sacerdote, curandeiro e mediunista, deve aprender as particularidades de sua função, é verdade. No entanto, a iniciação real é resultado de uma experiência mística, só depois sobrevivendo um período de instrução, junto a um payê mais antigo, já reconhecido pela comunidade.

Suas funções são várias: desfazer malefícios, e curar doenças, usando remédios, imposição das mãos (passes) ou sortilégios, onde as defumações ocupam lugar de destaque. Também são porta-vozes dos espíritos, sejam ancestrais ou tutelares naturais, e exercem essa função quase sempre através de práticas do mediunismo. Seus conselhos regram a vida da comunidade.



A HERANÇA INDÍGENA

O elo que une a religiosidade indígena processada na natureza, nas matas e a Umbanda, sua sucedânea urbana, pode ser localizado no culto, hoje quase desaparecido, do "Catimbó".

No Brasil colônia, muitos dos indígenas, voluntariamente ou como prisioneiros, passaram a conviver junto à comunidade branca. Nos centros urbanos ou em suas proximidades, os que ali permaneceram não abandonaram seu culto. Embora batizados e indo às missas, não deixaram de procurar seus payés. Da mesma forma como se mestiçaram negros e brancos, uniram-se índios aos colonizadores europeus, e processos da Inquisição já apontam esses últimos em reuniões religiosas dos primeiros.

O culto, simples encontro do payé com seus seguidores, resumiu-se ao transe mediunista do sacerdote para atender as consultas ou na sua orientação quanto a remédios naturais e mágicos. Porém, logo os freqüentadores também apresentaram o fenômeno do transe. A defumação e aos passes junta-se, no ritual, a presença de uma bacia de louça onde é macerada a "jurema", palmeira tóxica do Nordeste. Refere-se ao culto como Catimbó - literalmente, mata de timbó, o cipó que o indígena utilizava para entontecer os peixes e apanhá-los com maior facilidade.

Tudo indica a analogia. A mata, para o indígena, é a região dos espíritos; nela interpenetram-se os mundos visível e invisível. Realmente, um mediunista principalmente na Umbanda antes de se tornar porta-voz efetivo das entidades sobrenaturais, passa por estágios de semitorpor, fica tonto. Aliás, ainda hoje se procura, nos terreiros, estimular, apressar este estado, entontecendo o mediunista ao fazê-lo girar rapidamente.

O Catimbó serviu de ponte para a religiosidade indígena. Seríamos muito ingênuos em achar que, muito antes do Império, caboclos e mestiços, indígenas aculturados, que percorreram o Brasil de norte a sul na aventura das bandeiras e migrações diversas, não tenham espalhado também sua religiosidade. Mais tarde outros fluxos migratórios (a Guerra do Paraguai, por exemplo) deram sem dúvida sua contribuição.

Medicina, consolo e orientação dos humildes, é entre os menos favorecidos que a "nova prática" cria raízes. Na década de 40, porém, já havia chegado até a chamada classe média, e hoje, entre seus praticantes estão representadas todas as camadas culturais e sócio-econômicas brasileiras.

COMO SURTIU A UMBANDA NA ATUALIDADE?

"Em fins de 1908, uma família tradicional de Neves, Estado do Rio de Janeiro, foi surpreendida por uma ocorrência que tomou aspecto sobrenatural: o jovem Zélio Fernandino de Moraes, que fora acometido de estranha paralisia, que os médicos não conseguiam debelar, certo dia ergueu-se do leito e declarou: "Amanhã estarei curado".

No dia seguinte, levantou-se normalmente e começou a andar, como se nada, antes, lhe houvesse tolhido os movimentos. Contava apenas dezessete anos e destinava-se a carreira militar na Marinha.

A medicina não soube explicar o que tinha ocorrido. Os tios, que eram padres católicos, foram colhidos de surpresa e nada esclareceram sobre a misteriosa ocorrência. Um amigo da família sugeriu, então, uma visita a Federação Espírita de Niterói, presidida por José de Souza, na época. No dia 15 de novembro de 1908, o jovem Zélio foi convidado a participar de uma sessão, e o dirigente dos trabalhos determinou que ele ocupasse um lugar à mesa.

Tomado por uma força estranha e superior à sua vontade, contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer dos componentes da mesa, o jovem Zélio levantou-se e disse: "Aqui está faltando uma flor!", e retirou-se da sala. Pouco depois, voltou trazendo

uma rosa, que depositou no centro da mesa. Essa atitude insólita causou quase um tumulto.

Restabelecida a "corrente", manifestaram-se espíritos, que se diziam de pretos escravos e de índios ou "caboclos", em diversos médiuns. Estes espíritos foram convidados a se retirar pelo presidente dos trabalhos, advertidos do seu estado de atraso espiritual.

Foi então que o jovem Zélio foi novamente dominado por uma força estranha, que fez com que ele falasse sem saber o que dizia. (De acordo com depoimento do próprio à revista *Seleções de Umbanda*, em 1975.)

Zélio ouvia apenas a sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação desses espíritos e por que eram considerados atrasados - se apenas pela diferença de cor ou de classe social que revelavam ter tido na sua última encarnação.

Seguiu-se um diálogo acalorado, e os responsáveis pela mesa procuraram doutrinar e afastar o espírito desconhecido, que estaria incorporado em Zélio e desenvolvia uma argumentação segura.

Um dos médiuns videntes perguntou, afinal: "Por que o irmão fala nesses termos, pretendendo que esta mesa aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atrasados? E qual é o seu nome, irmão?". Respondeu Zélio, ainda tomado pela força misteriosa: "Se julgam atrasados esses espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei em casa deste aparelho (o médium, Zélio) para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E, se querem saber o meu nome, que seja este: "Caboclo das Sete Encruzilhadas", porque não haverá caminhos fechados para mim."

"Julga o irmão que alguém irá assistir ao seu culto?", perguntou, com ironia, o médium vidente; ao que o Caboclo das Sete Encruzilhadas respondeu: "Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei!"

Zélio de Moraes contou que no dia seguinte, 16 de novembro de 1908, ocorreu o seguinte: "Minha família estava apavorada. Eu mesmo não sabia explicar o que se passava comigo. Surpreendia-me haver dialogado com aqueles austeros senhores de cabeça branca, em volta de uma mesa onde se praticava um trabalho para mim desconhecido. Como poderia, aos dezessete anos, organizar um culto? No entanto, eu mesmo falara, sem saber o que dizia e por que dizia. Era uma sensação estranha: uma força superior que me impelia a fazer e dizer o que nem sequer passava pelo meu pensamento."

"E no dia seguinte, em casa de minha família, na Rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, ao se aproximar à hora marcada - 20 horas - já se reunião os membros da Federação Espírita de Niterói, seguramente para comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera; os parentes mais chegados, amigos, vizinhos e, do lado de fora, grande número de desconhecidos."

Às 20 horas, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que se iniciava naquele momento, um novo culto em que os espíritos de velhos africanos, que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de ação nas remanescentes seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos de nossa terra poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal desse culto, que teria por base o Evangelho de Cristo e, como mestre supremo Jesus.

O Caboclo estabeleceu as normas em que se processaria o culto: sessões - assim se chamariam os períodos de trabalho espiritual - diárias, das 20 às 22 horas; os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito.

Deu, também, o nome desse movimento religioso que se iniciava; disse primeiro "Allabanda" (ou um dos presentes assim anotou), mas, considerando que não soava bem a sua vibratória, substituiu-o por "Aumbanda", ou seja, Umbanda, palavra de origem sânscrita, que se pode traduzir por "Deus ao nosso lado", ou "o lado de Deus".

Muito provavelmente, ficou o nome Umbanda, e não Aumbanda, porque alguém anotou a palavra separadamente (a Umbanda). Sobre o assunto, diz Ramatis, no livro *A Missão do Espiritismo*: "A palavra "aum" é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres; "bandhã", em sua expressão mística iniciática, significa movimento incessante, força centrípeta emanada do Criador. A palavra "aumbandhã" pronunciada na forma de um mantra, aproxima-se melhor da sonorização "ombanda", sendo ajustada à doutrina de Umbanda, praticada no Brasil."

E mais a diante: "Os africanos praticavam a magia indistintamente. (...) Em face dos costumes da civilização é inexequível a prática da Umbanda nos moldes e ritualismos genuíno africano. (...) Acontece que, antes dessa denominação de Umbanda (antes portanto

de 1908), os ritos e intercâmbios mediúnicos eram somente conhecidos como Candomblé, ou macumba, sob o domínio completo do africanismo versado na magia grosseira."

A opinião acima é de Ramatis (guia espiritual do médium Hercílio Maes, autor de inúmeros livros), a quem muito consideramos.

Voltando ao relato de Zélio, sobre as ocorrências de 16 de novembro de 1908: "A casa de trabalhos espirituais, que no momento se fundava, recebeu o nome de Nossa Senhora da Piedade, porque assim como Maria acolhe o Filho nos braços, também seriam acolhidos, como filhos, todos que necessitassem de ajuda ou de conforto".

"Ditas as bases do culto, após responder, em latim e em alemão, às perguntas dos sacerdotes ali presentes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas passou à parte prática dos trabalhos, curando enfermos, fazendo andar aleijados. Antes do término da sessão, manifestou-se um preto velho, Pai Antônio, que vinha completar as curas."

Segundo o jornal Gira de Umbanda (n.º 19 - "As Verdadeiras Origens da Umbanda no Brasil"), foi esse guia quem ditou o ponto hoje cantado no Brasil inteiro: "Chegou, chegou, chegou com Deus, chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas."

Nos dias seguintes, verdadeira romaria se formou na Rua Floriano Peixoto, n.º 30, em Neves. Enfermos, cegos, paralíticos, vinham em busca de cura e ali a encontravam, em nome de Jesus. Médiuns (cujas manifestações haviam sido consideradas como loucura) deixaram sanatórios e deram provas de suas qualidades excepcionais. Estava fundada a Umbanda no Brasil. O dia 15 de novembro seria, posteriormente, consagrado como o Dia Nacional da Umbanda.

Cinco anos mais tarde, manifestou-se o orixá Malé, exclusivamente para a cura de obsessados e o combate de magia negra.

Dez anos após a fundação da Tenda Nossa Senhora da Piedade (registrada com o nome de Tenda Espírita, porque não era aceito, na época, o registro de uma entidade com a especificação de Umbanda), o Caboclo das Sete Encruzilhadas declarou que iniciava a segunda parte de sua missão: a criação de sete templos, que seriam o núcleo do qual se propagaria a religião de Umbanda.

Em 1935 estavam fundados os sete templos idealizados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, sendo curiosa à fundação do sétimo, que receberia o nome de Tenda São Jerônimo (a casa de Xangô). Faltava um dirigente adequado ao mesmo, quando, numa noite de quinta-feira, José Álvares Pessoa, espírita e estudioso de todos os ramos do espiritualismo, não dando muito crédito ao que lhe relatavam sobre as maravilhas ocorridas em Neves, resolveu verificar pessoalmente o que se passava.

Logo que assomou à porta da sala em que se reuniam os discípulos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, este interrompeu a palestra e disse: "Já podemos fundar a Tenda São Jerônimo. Seu dirigente acaba de chegar."

O Sr. Pessoa ficou muito surpreso, pois era desconhecido no ambiente. Não anunciou a sua visita e viera apenas verificar a veracidade do que lhe narravam. Após breve diálogo em que o Caboclo demonstrou conhecer a fundo o visitante, José Álvares Pessoa assumiu a responsabilidade de dirigir o último dos sete templos que a entidade criava.

Dezenas de templos e tendas, porém, seriam fundados posteriormente, sob a orientação direta ou indireta do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Em 1939, o Caboclo determinou que se fundasse uma federação (que posteriormente, passou à denominação de União Espírita de Umbanda do Brasil, segundo relata Seleções de Umbanda n.º 07, 1975), para congregar templos umbandistas e que deveria ser o núcleo central desse culto, em que o simples uniforme branco de algodão, dos médiuns, estabelecia a igualdade de classes, e a simplicidade do ritual permitia dedicar integralmente o tempo das sessões ao atendimento aos necessitados.

Mais tarde surgiu o Jornal de Umbanda, que durante mais de vinte anos foi um porta-voz doutrinário de grande valor e no qual colaboraram efetivamente, entre outros, Calvalcanti Bandeira, Reinaldo Xavier de Almeida, Olívio de Novais e o escritor J. Alves de Oliveira.

Aliás, este último nos dá mais subsídios sobre a origem da Umbanda no Brasil, através do tablóide Macaia, informando que "no livro do jornalista e escritor João do Rio - As Religiões do Rio, edição de 1904 - não se encontra a palavra Umbanda. Porém, há um livro que nos leva a algumas conclusões sobre as práticas mediúnicas, ou impulsos de alguns médiuns atuados, de surpresa, por espíritos que se diziam de caboclo ou de pai africano."

E o livro do jornalista e escritor Leal de Souza, de "A Noite" (que enveredou, por volta de 1924, pelos centros espíritas e outros onde se manifestavam espíritos de Caboclos e Pretos Velhos, Exus e Crianças) denominado "No Mundo dos Espíritos", publicado em 1925, nos conta, em reportagens todas elas, muito sérias, num total de noventa, como eram os rituais umbandista da época, estampando inclusive fotos dos líderes de então.

Uma das fotos mostra o médium Zélio de Moraes incorporando o Caboclo das Sete Encruzilhadas; mas, curiosamente, não há ainda a menção da palavra Umbanda, evidenciando o quão pouco era esse termo difundido até 1925. Uma das reportagens se

intitula "O espiritismo na Macumba"; outra, "O Terreiro de Macumba"; etc. O Termo Umbanda só é usado numa referência a uma saudação de Ogum (orixá das demandas) dirigida pela entidade Pai Quirino, onde se lê: "Viva o general de Umbanda!"

No livro que reúne as teses ao 1.º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda (assim se chamava a Umbanda em 1941), o vocábulo é considerado de origem sânscrita: "A raiz mais antiga que se há registro acerca de Umbanda encontra-se nos famosos livros da Índia, os Upanishads."

Refere-se W. W. da Matta e Silva (Umbanda de Todos Nós, edição de 1956, pags. 12 e 13) à origem do termo afirmando que: "Verifica-se que até os anos de 1900, 1904, 1916 e 1917, os autores, em pesquisas e apurados estudos na época em que o Candomblé conservam-se ainda puros, não encontram o vocábulo Umbanda."

Matta e Silva, confirma assim os testemunhos de Waldemar Bento (Magia no Brasil), Roger Bastide (Imagens do Nordeste Místico), Gilberto Freyre (Estudos Afro-brasileiros), Nina Rodrigues (O Aminismo Fetichista dos Negros na Bahia), João do Rio (As Religiões do Rio), etc.

Cavalcante Bandeira reporta-se aos mestres do idioma africano, citando o vocábulo Umbanda como "arte de curar", "magia", "faculdade de curar por meio de medicina natural ou sobrenatural"; ou ainda, "os sortilégios que, segundo se presume, estabelecem e determinam a ligação entre os espíritos e o mundo físico".

Porém, Matta e Silva nos diz, na página 35 do livro citado, que: "O vocábulo Umbanda só pode ser identificado dentro das qualificadas línguas mortas. Todavia, entre os angolenses existe o termo Kimbanda, que significa "sacerdote, invocador dos espíritos", firmado no radical "mbanda", conservado através de milênios, legado da tradição oral da raça africana, o qual é uma corruptela do original "U-mbanda" ou "Aum-bandhã".

E prossegue: "Toda essa complexa mistura, que o leigo chama de macumba, baixo espiritismo, magia negra, envolvendo práticas fetichistas e barulhentas (...), era a situação existente, quando surgiu um vigoroso movimento de luz, ordenado pelo astral superior, feito pelos espíritos que se apresentavam como Caboclos, Pretos Velhos e Crianças."

Diz ainda Matta e Silva: "Surgiram práticas as mais confusas e desordenadas, envolvendo oferendas com sacrifícios de animais, sangue, etc., e por tudo fez-se imprescindível um novo movimento, dentro destes cultos ou de sua massa de adeptos, feitos pelos espíritos carnicamente afins a essa massa e pelos que, dentro de afinidades mais elevadas, se espantam no amor e na renúncia em prol da evolução de seus semelhantes, o qual foi lançado através da mediunidade de uns e outros pelos Caboclos e Pretos Velhos, com o nome de Umbanda."

O termo Umbanda, que eles implantaram no meio, para servir de bandeira a essa poderosa corrente, ensinaram que é um termo litúrgico, sagrado, vibrado, que significa, num sentido mais profundo, o conjunto das leis de Deus."

"É comum ouvir-se se dizer que a Umbanda foi trazida para o Brasil pelos escravos", lê-se no texto apresentado pelo Condu (Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda) a 07 de agosto de 1977 em congresso realizado no Centro Espírita Caminheiros da Verdade, no Rio de Janeiro, e publicado pelo jornal Gira da Umbanda: "Entretanto, devemos considerar que a umbanda surgiu sobre o amalgama das crenças negras e nativas com o cristianismo."

Diz Cavalcante Bandeira: "Dos africanos vieram os nomes, rituais e costumes; dos índios, algumas denominações e outros costumes; dos espíritas, a doutrina filosófica moderna; do catolicismo, os santos, os sacramentos e alguma coisa do ritual; dos orientais, todos os fundamentos teológicos."

E prossegue as conclusões do Condu: "A crença dos negros desempenhou papel relevante na formação da Umbanda, da qual se constituiu um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os orixás. Em sua prática, a Umbanda aproxima-se mais da origem nativa; na estrutura porém, prevaleceu a influência africana."

"Os conceitos de reencarnação e da comunicação com os desencarnados, já existentes nesses cultos, foram reforçados pelo espiritismo, através de sua doutrina esclarecedora. O catolicismo deu valiosa contribuição a Umbanda, em grande parte por influência do negro, ao qual havia sido imposta a assimilação do orixá aos santos, e também através dos primeiros médiuns umbandistas, ainda afeiçoados à religião dominante na época. Cumpre acentuar que, na umbanda implantada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, não é utilizado o sacrifício de aves e animais, nem para homenagear entidades, nem para desmanchar trabalhos de magia." (Declaração textual de Zélio de Moraes, em 1970)

"O holocausto, ou sacrifício de animais, é totalmente alheio à Umbanda", lê-se no livro "O Culto da Umbanda em Face da Lei, de Cavalcante Bandeira, editado em 1945.

Mohab Caldas oferece-nos uma definição perfeita da Umbanda: "Não cobrar, não matar, usar o branco, evangelizar e utilizar as forças da natureza."

"Umbanda é, portanto, o produto de uma evolução religiosa", conclui o relatório do Condu, "Suas origens encontram-se nas filosofias orientais, fonte inicial de todos os cultos do

mundo civilizado. E a sua implantação, em nossa terra, deu-se com a fusão das práticas, dos conceitos e crenças do negro, do branco e do índio."

Zélio Fernandino de Moraes, médium que recebeu o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o fundador a Umbanda no Brasil, desencarnou em outubro de 1975, aos 84 anos de idade. De seu trabalho incansável resultou a Umbanda de hoje, que abrange cerca de 30 milhões de adeptos, segundo as estimativas apresentadas no 2.o Festival de Artes e Culturas Negras, realizadas em Lagos, na Nigéria, pelo Professor René Ribeiro, da Universidade Federal de Pernambuco, que demonstrou que a Umbanda é a religião que mais cresce no Brasil. O prof. René baseou-se em dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Da atitude de Zélio de Moraes, que incorporado declarou estar "faltando uma flor" na mesa da Federação Espírita de Niterói, surgiu uma das "curimbas" (pontos cantados) mais belas da Umbanda, que diz:

"Surgiu no jardim mais uma flor, Mamãe Oxum trazendo paz e amor. Salve a Umbanda, independente e sutil, que vai crescendo, por este imenso Brasil. Bandeira branca de Oxalá, força do além, Mãe Caridosa que ao Mundo deseja o bem... vai sempre em frente, ó minha Umbanda querida, leva a doçura da vida para aqueles que não têm!"(SAIDENBERG, T. Como surgiu a umbanda em nosso país, pags.34 a 39, Revista Planeta, n.º 126-A, 2.ª Edição, São Paulo: Editora Três. 1984)

Juvenal Ferreira da Cunha Neto
Coordenador Espiritual, Filosófico e Temporal

Referências Bibliográficas

Ortis, R. A morte branca de um feiticeiro negro, São Paulo, Editora Brasiliense, 1975, 1.a Edição.

Birman, P. O que é umbanda, São Paulo, Editora Brasiliense, 1980, 1.a Edição.

Vários números da Revista Pensamento, São Paulo, Editora Três, de 1980 a 1983.